

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

PONCIÁ VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA:  
MEMÓRIA E OLHAR COLETIVO NA PROSA AFRO-BRASILEIRA

Aline Alves Arruda (NEIA/UFMG)  
alinearruda10@bol.com.br

RESUMO: Este artigo trata da memória coletiva nos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*, da escritora mineira Conceição Evaristo. O olhar afro-descendente da autora nos confirma, através da história das personagens, a importância desse aspecto nos textos de autores afro-brasileiros. Para Ricouer (2000), a memória é erigida como critério de identidade e está a serviço da busca desta última. Nossos autores afro-brasileiros confirmam, assim, um novo pensamento sobre a memória diaspórica negra e trazem para sua literatura marcas desse olhar coletivo que é, para eles, uma espécie de motor da narrativa ou da poesia.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; memória coletiva; diáspora; literatura afro-brasileira.

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, em 1946, numa favela no alto da Avenida Afonso Pena, área valorizada da capital. Com o tempo, a população que lá vivia foi desfavelizada, removida para outros bairros da cidade e da área metropolitana, pois novos prédios e ruas foram construídos na região. Tendo vivido a infância nesse local, Conceição traz na memória acontecimentos e pessoas desse tempo que, vez ou outra, participam de suas narrativas. Sua mãe, dona Joana, teve nove filhos, era doméstica, lavava roupas para fora e ainda encontrava tempo para lhes contar histórias, palavras que também fazem parte do “acervo” de Evaristo, que se diz nascida rodeada delas. A autora também trabalhou como doméstica na capital mineira enquanto estudava. Formou-se professora no antigo curso Normal, em 1971, e depois mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi aprovada em um concurso municipal para magistério e, posteriormente, no curso de Letras na Universidade Federal daquele Estado. Conceição é mestre pela PUC/RJ, onde defendeu, em 1996, a dissertação “Literatura negra: uma poética da afro-brasilidade”. Hoje é doutoranda em Literatura Comparada na UFF. A autora publica poemas e contos na coletânea *Cadernos Negros*

desde 1990, e é chamada para palestras e congressos em todo o Brasil e no exterior, nos quais aborda as questões de gênero e etnia na literatura brasileira.

*Ponciá Vicêncio* é o primeiro romance publicado de Conceição Evaristo e vem sendo tema de artigos e discussões no meio acadêmico desde sua publicação em 2003. Além da indicação a vários vestibulares, como o da UFMG em 2008, o livro foi publicado em inglês. A obra narra problemas do cotidiano das mulheres afro-descendentes sob um ponto de vista claramente feminino e negro, num contexto atual que nos permite propor o presente estudo. Além de *Ponciá Vicêncio*, a autora publicou também o romance *Becos da Memória*, que embora tenha sido escrito antes de *Ponciá*, foi publicado depois, em 2006, e narra a história de personagens que vivem em uma favela em processo de demolição. Este trabalho propõe a análise dessas duas obras que questionam o cânone brasileiro e buscam, ao mesmo tempo, suplementá-lo, no sentido derrideano do termo.

O enredo de *Ponciá Vicêncio* traça a trajetória de uma mulher negra, a protagonista que dá nome ao livro, desde sua infância até a idade adulta. Ponciá mora com a mãe, Maria, na Vila Vicêncio, que concentra, no interior do Brasil, uma população de descendentes de escravos. Seu pai e seu irmão trabalham na lavoura para a família Vicêncio, que é dona das terras onde todos moram e trabalham, além de serem os donos do sobrenome dos habitantes da vila, como a família de Ponciá. O romance tem uma história fragmentada que, através de *flashbacks*, narra a infância da menina na vila junto da mãe e do artesanato com o barro que as duas fazem. O narrador, na terceira pessoa, nos leva ao íntimo dos personagens e à introspecção destes através do uso do discurso indireto livre durante toda a narrativa. É assim que conhecemos a alegria da menina Ponciá que, seguindo uma crendice popular brasileira, brincava de passar por debaixo do arco-íris com medo de mudar de sexo e se mostrava diferente desde criança, principalmente por sua semelhança física com o avô Vicêncio. Este, ainda escravo, num momento de loucura e tremenda indignação diante da escravidão que ainda perdurava, mata a esposa e se mutila, cortando o próprio braço. E é esse braço cotó que Ponciá imita desde pequena. E embora ela fosse criança de colo quando o avô paterno morreu, apresenta tais semelhanças e modela um boneco de barro idêntico a ele. Por esses e outros motivos, todos dizem que a menina carrega consigo a herança do avô. Nêngua Kainda, uma velha sábia da região, é quem mais enfatiza isso à menina e aos seus familiares. Para ela, Ponciá precisava cumprir sua herança.

Após perder o pai, Ponciá decide partir para a cidade grande em busca de uma vida melhor. Sua viagem é feita de trem e demora dias sofridos. Ela chega ao lugar sem referências, dorme uma noite na porta da igreja e depois consegue um emprego como doméstica. Enquanto junta seu dinheiro para comprar um barraco e trazer a mãe e o irmão para morar com ela na cidade grande, na vila Vicêncio, Luandi, seu irmão, também decide migrar, para a tristeza de sua mãe. O rapaz faz a mesma viagem que a irmã e chegando à cidade, arruma emprego de faxineiro numa delegacia, através da indicação do soldado Nestor, negro que ele conhece na estação de trem. Luandi fica feliz, já que seu sonho era ser soldado. Maria Vicêncio, com a casa vazia, decide viajar sem rumo até que chegue a hora de ir ao encontro dos filhos. Enquanto isso, Ponciá volta à vila em busca dos seus, mas não encontra ninguém, apenas a certeza, através

de sua conversa com Nêngua Kainda, de que um dia, além de cumprir sua herança, ela reencontrará a mãe e o irmão. De volta à cidade, Ponciá se junta a um homem que conhece na favela. Inicialmente apaixonada, sofre depois com suas agressões físicas, causadas, principalmente, por causa do estado de apatia que ela se encontra e no qual permanece por longo tempo. As perdas de Ponciá foram muitas: a ausência dos familiares e os sete abortos que sofreu.

*Becos da memória* nos conta várias histórias de personagens verossímeis, moradores de uma favela que está para acabar. A convivência com os tratores dos supostos donos se mistura com as mudanças das famílias carregadas de saudosismo, indignação e receio do que a vida se transformará após o desfavelamento. Nesse cenário conhecemos bonitas histórias como a de Vó Rita, parteira e mulher respeitada por sua sabedoria e experiência, que agora cuida da misteriosa personagem Outra, que não recebe nome, mas é muito citada na narrativa da menina Maria Nova, curiosa adolescente negra que adora ouvir histórias e expressar sua curiosidade. Personagens como Bondade, Tio Totó, Maria Velha e Ditinha vão surgindo da memória de Maria Nova e preenchendo o leitor de narrativas sutis e ao mesmo tempo violentas e reais.

A memória é fator importante na construção dos romances de Conceição Evaristo. Da primeira à última página, a memória conduz os pensamentos da protagonista Ponciá, de Maria Nova e dos outros personagens, além de guiar a vivência deles, tão representativa daquela de seus antepassados. Na primeira página do livro, Ponciá mostra-se envolta em recordações da infância, de quando pensava que, ao passar pelo arco-íris, mudaria de sexo. O arco-íris em questão é, na mesma página, denominado “angorô” – palavra africana de origem banto que representa um inkice correspondente a Oxumaré na nação ketu e no candomblé. Ou seja, a memória individual da protagonista está diretamente ligada à memória de seus ascendentes africanos. Para Ricoeur (2000), a memória, diferente da imaginação, refere-se à realidade anterior, às recordações do passado, que passam pelas recordações individuais e coletivas. Segundo Maria José Somerlate Barbosa, “se a memória é a via de acesso de Ponciá ao seu autoconhecimento, é também através dela, do que a voz narrativa constrói, que nós leitores penetramos no âmago das suas emoções e passamos a conhecer a história pessoal de cada um” (Evaristo 2003: 6). O mesmo acontece em *Becos* com as histórias contadas no romance. Quando o narrador nos revela o passado da personagem Maria Velha, menciona que ela, quando criança, ao saltitar alegremente diante do avô, fazia-o chorar, pois este recordava sua filha:

Mãe-de-leite de uma criança, um dia a escrava se rebela contra o sinhô. Agarrou o homem pelo peito da camisa, sacudiu, sacudiu. A escrava foi posta no tronco, iam surrá-la até o fim. A criança, filha de leite, chora, grita, berra, desmaia, volta a si, quase enlouquece.

- Não matem “mamãe preta”, não matem “mamãe preta”!

Os sinhôs resolveram, então, vender a escrava e nunca mais se soube dela. (Evaristo 2006: 34)

A memória individual da personagem está diretamente ligada à memória coletiva, aos olhos molhados do avô diante da imagem que o levava à filha escrava perdida, vendida por se rebelar, história semelhante a de outras personagens da literatura afro-brasileira, como a Negra Fulô, personagem de um conhecido poema de Jorge de Lima e parodiada por Oliveira Silveira.

Durante toda a narrativa de *Ponciá Vicêncio* percebemos o atrelamento entre as experiências passadas das protagonistas e a experiência coletiva representada, principalmente, pela figura de seu avô, escravo que fica louco após matar a esposa, se mutilar e tentar matar os filhos diante da ameaça de vê-los escravizados para o resto da vida. A semelhança entre Ponciá e o avô é, segundo alguns personagens, uma marca da herança que este lhe havia deixado.

Paul Ricoeur, relendo o filósofo Santo Agostinho, sublinha três traços do caráter fundamentalmente privado da memória: o primeiro é a singularidade desta, ou seja, as recordações pessoais são intransferíveis. Em segundo lugar, o autor enfatiza que na memória reside o vínculo original da consciência com o passado, e acrescenta:

Por esse traço, precisamente, a memória garante a continuidade temporal de uma pessoa e, mediante esse rodeio, essa identidade cujas dificuldades e perigos temos afrontado mais acima. Essa continuidade me permite remontar sem ruptura o presente vivido até os acontecimentos mais distantes de minha infância. Por um lado, as recordações se distribuem e se organizam em níveis de sentido, em arquipélagos, eventualmente separados por precipícios; por outro, a memória segue sendo a capacidade de percorrer, de remontar o tempo, sem que nada proíba, a princípio, prosseguir, sem solução de continuidade, esse movimento. No relato, principalmente, se articulam as recordações no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade. Assim, me remeto ao passado, à minha infância, com o sentimento que as coisas ocorreram em outra época. É esta alteridade que, por sua vez, servirá de entrave à diferenciação dos espaços de tempo que procedem à história tomando como base o tempo cronológico. (Ricoeur 2000: 129, tradução minha)

A “continuidade temporal” de Vô Vicêncio é garantida, no romance, por sua neta Ponciá, que carrega consigo as marcas da lembrança do avô, especialmente o modo de andar, com um dos braços escondidos às costas e a mão fechada como se fosse cotó. Como a neta Maria Velha, que carregava as características da tia escrava. Embora o avô tivesse morrido quando Ponciá era ainda muito pequena, os primeiros passos da neta, na infância, já lembravam o seu antepassado. Além disso, a menina, artesã do barro, fez um boneco igualzinho ao avô, o que deixou sua mãe preocupada: “ela era tão pequena, tão de colo ainda quando o homem fez a passagem. Como, então, Ponciá Vicêncio havia guardado todo o jeito dele na memória?” (Evaristo 2003: 19). Ao olhar para o boneco, o pai de Ponciá reconhece seu próprio pai, inclusive na expressão de dor. O boneco e as marcas físicas em Ponciá nos mostram o que Ri-

coeur expôs, acima, sobre o poder da memória de chegar aos acontecimentos mais distantes da infância do indivíduo e ter ainda a capacidade de remontar o tempo. O enredo, aparentemente fragmentado (como a memória), torna-se mais linear à medida que montamos o quebra-cabeça vindo da memória das personagens e, ainda, da história a que todo o romance nos remete.

O avô de Maria Velha vê na neta a “continuidade temporal” de sua filha e mais, vê também nessa semelhança o reavivar das dores de seu passado escravocrata. O narrador afirma sobre o velho que “dos vários filhos que tivera, perdera quase todos. Vivo, só tinha Luisão e, mesmo assim, louco”. A narrativa amarra aqui a história de Maria-Velha e sua família aos fatos mal contados pela História oficial sobre a escravidão. A loucura é novamente tema do passado escravocrata ao qual pertencem os personagens de Conceição Evaristo, sempre homens e mulheres que resistiram à escravidão e se mostraram conscientes diante dos maus tratos e injustiças sofridas.

E, em terceiro e último lugar, Ricoeur afirma que à memória se vincula o sentido de orientação no passo do tempo, tanto do passado para o futuro, quanto do futuro ao passado. Esse vínculo é claro no romance em vários momentos. Como já dito, desde a primeira página percebemos a importância dessa característica para as narrativas de Evaristo. Logo depois, várias são as lembranças de Ponciá, além daquelas vindas até ela através das narrativas de outras personagens como a mãe e o irmão. Também a história de outras personagens como Bilisa, a mulher-dama por quem Luandí se apaixona, é trazida pelo narrador na volta ao passado triste da mulher que também veio da roça para a cidade grande com sonhos de uma vida melhor e que acaba sendo acusada pela patroa de um roubo que não cometeu na casa onde morava e trabalhava. Assim, ela vira prostituta, chegando ao final trágico de ser assassinada por Negro Clímério. Bilisa torna-se, dessa forma, mais um símbolo da denúncia social feita no livro. Em *Becos da Memória*, a característica permanece, desde o título. As lembranças dos personagens vêm à tona principalmente em forma de histórias contadas aos mais novos, representados no livro por Maria Nova. A figura do *griot* africano é resgatada pela autora na construção da memória individual e coletiva dos personagens, como com o personagem Bondade, “outro contador de histórias. Coisas que ele não contava pra gente grande, Maria Nova sabia. As histórias tristes Bondade contava com lágrimas nos olhos; as alegres ele tinha no rosto e, nas mãos, a alegria de uma criança” (Evaristo 2006: 39). A ligação entre o velho e o novo, entre o adulto e a menina, é feita através da memória, das histórias contadas pelo *griot* Bondade, cujo nome já demonstra a qualidade de seu caráter.

As idas e vindas da família Vicêncio também nos remetem a esse sentido de orientação no passo do tempo. A ordem atemporal e não linear dos acontecimentos do romance nos lembra, mais uma vez, essa característica da memória. Além de nos remeter à história ancestral de Ponciá, através da metáfora entre o trem e o navio negreiro, associação que marca os textos dos escritores afro-descendentes, Conceição Evaristo, em *Becos da Memória*, também faz referência às viagens sofridas que relata em Ponciá Vicêncio. Nas primeiras páginas do romance conhecemos a história dolorida de Tio Totó, que teve que se mudar de morada várias vezes na vida, após sofri-

das perdas. Em conversa com Maria Velha, Tio Totó diz que seu corpo “pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança” (Evaristo 2006: 23). O velho nasceu da Lei do Ventre Livre, assim como o pai de Ponciá, mas trabalhou na roça durante anos, também como ele. Herdou do pai a dor que lhe apunhalava o peito, a qual o pai dele chamava de banzo. Mesmo não sendo escravo, o personagem carrega consigo a dor coletiva, símbolo da memória dos seus, trazida com ele ancestralmente. A metáfora do navio negreiro aparece na narrativa na passagem em que o narrador conta uma das primeiras viagens de Tio Totó, quando com sua primeira mulher ele teve que deixar a fazenda onde trabalhava, pois as terras haviam sido vendidas:

Totó juntou a mulher, a filha e alguns trapos. Nem ele nem ela tinham mais pais vivos. Um surto de tuberculose, que começara na casa-grande, assolara também os escravos. Iriam partir, queriam esquecer as histórias de escravidão, suas e de seus pais. Foram dias e dias sobrevivendo pelo mato. Lembravam histórias mais amenas de campo, de vastidão, de homens nus, de leões em terras longínquas. Lembravam-se de deuses negros, reais, constantes e tão diferentes daquele Deus-Jesus de que tanto falavam os senhores e os padres. Nesta hora vinha a dor como um espinho rasgando o peito (Evaristo 2006: 25).

A viagem sofrida lembra os navios negreiros pelos quais passaram os antepassados de Totó e sua mulher, a separação da família, a morte dos parentes, muitas são as semelhanças com a memória diaspórica que o personagem carrega consigo e que tanto lhe dói no peito. Por outro lado, a memória coletiva traz também as boas lembranças ouvidas nas histórias relatadas pelos mais velhos da distante vida na África, a liberdade que tanto lhes trazia saudades doloridas é representada na história do filho nascido “livre”, mas que carrega o “espinho rasgando o peito”.

Através de metáforas como a do navio negreiro, insígnia da mediação do sofrimento do povo africano, ou da viagem como motivo e objeto de reflexão sobre a diáspora, Conceição Evaristo, assim como outros escritores afro-brasileiros, tece sua literatura suplementando a literatura canônica e parodiando-a também. Diferente da abordagem do navio feita por escritores como Castro Alves, cujo ponto de vista é branco, os autores afro-brasileiros marcam seus textos com o ponto de vista interno, condição para que pertençam a esta literatura. Em um cenário semelhante ao descrito acima, a personagem Ponciá confirma sua descendência escrava na vida difícil que leva, nos sonhos apagados pela discriminação e pela marginalização que tanto ela quanto os outros da sua família sofrem. A personagem passa, então, pelo que Orlando Patterson (1982) denomina “morte social”, ou seja, a invisibilidade diante da sociedade. Sua condição social e cultural continua, portanto, sendo regida pelo passado africano. Sua trajetória do espaço rural para o urbano representa sua condição diaspórica. Assim, mesmo que a viagem feita pela menina em sua procura não seja a viagem transnacional citada pelos estudiosos da diáspora, ela se constitui numa metáfora desta, por isso a considero uma espécie de “diáspora interna”, ou seja, a viagem de Ponciá e de tantos brasileiros dentro do seu próprio país em busca de uma vida melhor. A passagem em que a menina faz a viagem de trem para a cidade confirma essa associação:

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino (Evaristo 2003: 35).

A personagem resolve migrar para a cidade depois da morte do pai. Ela se mostra aborrecida e indignada com a vida na vila, com o trabalho artesanal com o barro, com a exploração dos brancos sobre este trabalho e sobre o trabalho nas plantações feito pelos homens: “cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (Evaristo 2003: 32).

A memória individual de Ponciá marca principalmente sua volta à infância na vila. Dessa forma, ao leitor são passadas as lembranças felizes e trágicas, como foi com Tio Totó em *Becos da Memória*. Essas recordações vêm à tona principalmente na fase mulher de Ponciá, quando seu olhar distante e sua letargia diante do mundo real acontecem. Nesses momentos, as recordações afloram. De um lado, temos, então, as lembranças agradáveis: “nos tempos de roça de Ponciá, nos tempos de casa de pau-a-pique, de chão de barro batido, de bonecas de espigas de milho, de arco-íris feito cobra coral bebendo água no rio, a menina gostava de ser mulher, era feliz” (Evaristo 2003: 24). De outro lado, há as recordações doloridas da menina, marcadas, principalmente, pela sua mudança para a cidade grande. Quando migrou, Ponciá tinha 19 anos. Além da viagem sofrida passada no “trem negreiro”, a menina se recorda dos momentos iniciais da nova vida: quando chegou à estação e não havia ninguém esperando por ela, de ter ido para a igreja depois de sua chegada, das pessoas e dos santos que viu por lá, da primeira noite passada na rua, ao relento, e de quando conseguiu seu primeiro emprego na casa de uma senhora.

Embora a esperança seguisse com a protagonista durante seu trabalho e seus sonhos, as pedras foram maiores em seu caminho. Os sonhos de Ponciá vão se dissipando aos poucos, à medida em que a vida a surpreende com as dificuldades. Dessa forma, a memória da infância, da menina negra, tão repleta de boas recordações, vai sendo substituída pela memória da adolescente negra, empregada doméstica e da mulher que apanha do marido, que sofre sete abortos e se perde dos seus.

Embora as recordações da menina Ponciá nos venham narradas como boas e felizes, algumas vezes tomamos conhecimento também de tristes lembranças da infância dela, como a morte do pai na colheita e a trágica história do avô. Essas e outras lembranças estão intimamente ligadas à memória coletiva da personagem.

Em sua dissertação de mestrado, Conceição Evaristo afirma que “a literatura negra é um lugar de memória” (1996: 24). Essa literatura, que traz para o leitor as marcas desse passado não tão distante, precisa dessa memória para reafirmar sua identidade.

de e sua cultura. A memória diaspórica, coletiva ou individual é a marca do escritor afro-brasileiro, sua motivação e maneira de resgatar o passado, de livrá-lo do esquecimento em que a sociedade brasileira teima em permanecer. A herança de Ponciá Ihe é intrínseca, assim como a memória o é para a literatura feminina e afro-brasileira.

#### OBRAS CITADAS

BARBOSA, Maria José Somerlate. 2003. Prefácio. Conceição Evaristo. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza. 5-8.

EVARISTO, Conceição. 1996. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Diss. Mestrado em Literatura Brasileira – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

———. 2003. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

———. 2006. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

PATTERSON, Orlando. 1982. *Slavery and social death: a comparative study*. Cambridge: Harvard U P.

RICOEUR, Paul. 2000. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Éditions du Seuil.

PONCIÁ VICÊNCIO AND *BECOS DA MEMÓRIA*: THE COLLECTIVE MEMORY AND THE COLLECTIVE LOOKING ON AFRO-BRAZILIAN PROSE OF FICTION

ABSTRACT: I will deal with the collective memory in Conceição Evaristo's novels *Ponciá Vicêncio* and *Becos da Memória*. The author's Afro-descendant gaze assures to us through the characters' story the importance of this aspect on Afro-Brazilian authors' texts. According to Ricoeur (2000), memory is built as an identity criterion and it serves to the latter. Our Afro-Brazilian authors confirm, therefore, a new thinking about the Black Diaspora and they bring marks of this collective looking to their literature. Those marks are to the writers a kind of mover to their narrative or poetry.

KEYWORDS: identity; collective memory; diaspora; Afro-Brazilian literature.

Recebido em 15 de outubro de 2009; aprovado em 30 de dezembro de 2009.